REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte) m. forte	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro e India	5$000	2$500	-$-	-$-

32.º Anno — XXXII Volume — N.º 1090

10 de Abril de 1909

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

Real Teatro de S. Carlos

RICARDO WAGNER

Chronica Occidental

A escripturação de um commerciante comprehende toda a historia da sua vida mercantil. Enumera, descreve com a maxima precisão todas as circumstancias dadas, sem que uma só se omitta, para que de futuro haja conhecimento das causas que originaram o augmento ou a diminuição do capital primitivo. Ha então um livro em que por ordem de datas se descrevem todas essas operações; e esse livro tem o nome de Diario.

Ficamos pois sabendo que o diario de um homem de negocios é a sua auto-biografia. E quando nelle se achem devidamente registadas, como a lei ordena, dia a dia, em assento separado, cada um dos actos que modifiquem ou possam vir a modificar a sua fortuna, de modo a poderem provar, em qualqur acaso, que nunca foi seu intento prejudicar o proximo, costuma-se dizer, em linguagem chã, que esse homem traz a sua vida a direito.

O Conde de Burnay — Henry Burnay & Companhia — uma das fisionomias mais curiosas de Lisboa, uma das firmas mais acreditadas na praça, e uma das figuras mais salientes da nossa sociedade, exemplificou bem alto, por maneira verdadeiramente cabal, a theoria dos compendios mercantis.

Uma vez instalada num primeiro andar da rua dos Fanqueiros a sua casa commercial, Henry Burnay, tendo adquirido a certeza de que tudo ali se achava a postos para o negocio — os livros em ordem, as carteiras nos seus logares, os tinteiros cheios, as pennas aparadas, os caixeiros promptos, o borrador aberto — enterrou o seu chapeu na cabeça até ás orelhas, metteu a sua pasta de papeis debaixo do braço, desceu a escada, saiu á rua, e emprehendeu uma volta pelo paiz, a dar fé do que já estava feito, que era pouco, e a tomar nota do que havia por fazer, que era muitissimo.

Se ao Marquez de Pombal devia Lisboa a sua reconstrução, a Henry Burnay ia dever o resto. Entre os capitaes que d'um lado se acumulavam aguardando a oportunidade de uma boa collocação, e o trabalho que, por outro lado, procurava os capitaes, apresentou-se elle, e logo tratou de os pôr em boas relações. Fez-se banqueiro. E nos entre-actos das grossas operações que a sua situação na praça lhe proporcionava, para não perder tempo, ia fundando companhias, sociedades, emprezas; montava fabricas; lançava pontes; construia viaductos; estabelecia carreiras de vapores; segurava vidas, mobilias, predios; transaccionava mercadorias; inaugurava certamens; installava hoteis, estabelecimentos de banhos, restaurantes, tabacarias; punha estancos; e como precisasse para tudo isso de annuncios e de reclamo, elle proprio publicava um jornal. Topava a tudo. Pelas suas mãos, como pelas mãos de um magico, o dinheiro entrava, saía, circulava, multiplicava-se, espargia-se.

De vez em quando, passava nas Arcadas, apreciava num relance a situação politica do paiz, e como já levava formado o seu juizo e os seus calculos sobre a situação financeira, atravessava o Terreiro do Paço, direito á Bolsa, chegava á porta, deitava a cabeça para dentro, sem entrar, fazia de longe um signal ao seu corretor, e ia-se embora. A' terceira ou quarta vez que os especuladores poderam avistar-lhe a ponta do nariz por aquella fresta da porta, começou esse simples facto a influir poderosamente nas cotações do dia. D'ahi em deante não era preciso mais para provocar uma baixa ou uma alta de fundos, conforme o nariz de Burnay abanasse para a direita ou para a esquerda, a dizer que sim, ou a dizer que não.

Um bello dia, começaram a ver os governos de Portugal que os prestimos d'esse homem singular eram indispensaveis á boa marcha dos negocios publicos. E chamaram-no. O Thesouro estava exhaurido, e tão emaranhadas eram as suas contas, que ninguem já sabia, nem podia entender-se com ellas. Nos mercados estrangeiros, onde os nossos fundos se negociavam, havia já desconfiança manifesta sobre o estado real das coisas portuguêsas, e entravam a correr boatos tão graves a tal respeito, que a nossa bancarrota era considerada certa.

Henry Burnay enterrou então ainda mais o chapeu para as orelhas, metteu alguns papeis mais na sua carteira, acomodou numa pequena mala de mão as instrucções que recebera do governo e alguma roupa branca, tomou o primeiro comboio e galgou a fronteira. Poucas horas decorridas, desapareciam dos muros de Paris os cartazes difamadores de Monsieur de Reillac, era rolhado o chantage da imprensa desfavoravel, voltavam a sorrir-nos as cotações da Bolsa, havia de pronto muito dinheiro ás ordens...

Tres dias depois, já Burnay se achava de regresso ao seu escritorio, tendo-lhe bastado esse pouco tempo para arranjar tudo aquillo. Dirigia-se em seguida ao Ministerio da Fazenda, apresentava a sua conta ao governo, embolsava a respectiva commissão, e continuava a tratar da sua vida.

Em volta da sua nunca vista actividade, em torno da prosperidade, sempre crescente, das suas trasações, uma chusma indolente de compatriotas, habituados a levarem todo o santo dia ás portas da Havaneza, debaixo das Arcadas, sobre os degraus da estatua de D. José, nos bancos do Rocio, nas comissões parlamentares, nos conselhos fiscaes, ás janelas das redações, estatelados ao sol, de papo para o ar, a desejarem ao proximo tudo aquillo que não queriam para elles — começou um dia por deitar-lhe alguns maus olhados. Depois, tentou fazer-lhe concorrencia, fundando bancos e companhias que a breve trecho o diabo levava. Armou-lhe por fim uma embuscada de despeito que devia perdê-lo, irremediavelmente... E assim foi que, ao cabo de muito tempo que durou a execução d'esse plano de libidinosos, Burnay, tendo seguido com perspicacia um a um todos os movimentos da estrategia adversaria, deixou que o inimigo incendiasse todas as baterias, exgotasse todos os projeteis, esvasiasse todos os paióes, deitasse mão dos ultimos recursos: e só então se viu içar-se, na sua fortaleza impavida, essa bandeira que dizia: — Em legitima defeza! E rompendo o fogo, bem certeiro, entrou a responder-lhes.

Quem se não lembra de o ver intrincheirado nas columnas do *Jornal do Commercio*, descarregando sobre o inimigo? Foi tudo raso! Não restou de pé, contra a honorabilidade da sua pessoa, ou contra os bons creditos da sua firma, uma só das mil acusações que se tinham levantado e ousado arremeter com elle. Teve-se um bom ensejo de ver, no exemplo da sua defesa, que nem de todas as calumnias alguma coisa fica. Burnay trouxe á luz do sol provas cabaes dos processos honrados por que soubera juntar a invejavel fortuna de que foi senhor e dono.

— «Dos meus negocios — dizia elle — presto contas a ceitil por ceitil... Não sei se todos os que me acusam podem ter a consciencia socegada como eu a tenho, e possuem, para o demonstrar, documentos tão claros como os que aqui deixo... Pela minha parte, varri a minha testada, e se alguem tem ainda que me acusar, que levante a voz e fale claro, e produza para a sua asserção documentos como eu faço.»

E os outros, moita carrasco!

Por isso lhe foi dada a inefavel satisfação de poder deixar aos filhos, acima dos seus milhões, o nome honrado.

O Conde de Burnay morreu cançado de trabalhar. Se outros bellos exemplos não tivesse deixado dos muitos e extraordinarios lances que a vida lhe preparou, e em que elle sempre se houve com tão admiravel e inconfundivel *aplomb*, como só este seria exemplo bastante para nobilitar a sua individualidade, numa terra em que tanto se vive para o ocio!

João Prudencio.

THEATRO DE S. CARLOS

A Tetralogia de Ricardo Wagner

Ouro do Rheno — Walkiria

O facto de se cantar no nosso primeiro theatro lyrico esta notavel epopêa musical da *Tetralogia*, foi para o nosso meio musical, de tanta importancia, que devemos marcal-o em lettras de ouro, pois que Lisboa passou além dos grandes centros musicaes onde estão habituados a ouvir as melhores obras musicaes dos grandes mestres antigos e modernos.

Não devemos passar em claro os nomes dos srs. Mimon Anahory e Freitas Brito, que cheios da melhor vontade e coragem conseguiram que o publico ouvisse aqui *ao pé da porta*, a *Tetralogia* completa, cantada em allemão com scenario e machinismos proprios!

Até aqui temos ouvido de Ricardo Wagner, o *Navio Phantasma*, *Lohengrin*, *Tannhauser*, *Mestres Cantores* e *Tristão e Isolda*, que o publico tem recebido com tanta frieza, filha da clara ignorancia que possue do reportorio wagneriano!

Por isso as conferencias habilmente feitas pelos illustres criticos d'arte o sr. Antonio Arroyo e Batalha Reis, foram educando o publico, a prestar um pouco de attenção a esta grande obra, e diga-se em abono da verdade, tem sido religiosamente ouvida, com o maximo interesse!

N'estes pequenos artigos que eu tenho o maximo prazer em escrever para o Occidente, não virei aqui fazer estudos philosophicos da *ideia* wagneriana, serão, apenas impressões, colhidas durante as execuções da grande obra e nada mais!

Vendo o evolucionismo que a grande arte de Beethoven tem soffrido nos ultimos tempos, exceptuando a França que possue ainda hoje nomes de compositores deveras notaveis, a Italia e a Allemanha, depois das perdas irreparaveis de Verdi e Wagner passam por uma phase de manifesta decadencia.

A Italia produz *banalidades* musicaes, a Allemanha se nos dá um Humperdink ou mesmo um Ricardo Strauss, principalmente este que é um *louco* ás vezes com rasgos de artista, estão muito longe do valor do mestre de Bayreuth que foi um genio em todo o sentido da palavra!

Ricardo Wagner como *musico*, *poeta e philosopho*, é um dos vultos grandiosos na estrada da Arte, que se impõe, pela sua sabedoria, e que espalha ao redor de si, uma luz penetrante que subjuga toda a humanidade culta!

Para quê traçar aqui a sua biographia?!

Não sabem todos que foi uma constante lucta contra a massa dos invejosos e dos cretinos? A sua *obra* feita á custa de tantos dissabores impoz-se; sim, o seu talento fez calar as opiniões dos seus inimigos, lucta verdadeiramente tytanica!

O seu theatro de Bayreuth construido sob o seu plano e sob as ideias que elle possuia a respeito do *drama musical*, é um verdadeiro templo d'arte onde todos os annos milhares de estrangeiros de todas as partes do mundo vão em peregrinação ouvir as obras do grande mestre n'aquella atmosphera tranquilla, onde os sons dos *Leit motivos* nos chegam aos ouvidos, repassados de doçura mystica, e transcendente!

Ao analysarmos as suas obras desde as *Fadas* até ao *Parsifal*, ha em todas ellas a feição do phantastico, por isso não nos admira que para o poema do *Annel*, Wagner fosse buscar o poema dos *Nibelungen*!

Este poema é uma verdadeira epopêa nacional, espalhada em toda a Allemanha, até serve como leitura obrigatoria nas escolas e universidades!

Mas Ricardo Wagner não se serviu apenas d'este poema, tirou tambem um bello partido das *Eddas* scandinavas, essas historias extraordinarias dos deuses! Por isso, musicando estes grandes poemas litterarios, nasceu uma obra collossal, verdadeiramente grandiosa!

A *Tetralogia* comprehende o *Ouro do Rheno* (prologo), *Walkiria*, *Siegfried*, e *Crepusculo dos Deuses*.

a) Ouro do Rheno

Estamos no mundo da phantasia, na lucta dos deuses com os gigantes.

Como papeis importantes temos o *Wottan*, analogo a Jupiter, *Fricka*, semelhante a Juno, *Freia*, analoga a Venus, o gigante *Fafner*, o deus *Logue* e o anão *Alberich*.

A parte musical, embora seja bastante obscura a uma simples audição, notamos desde logo paginas notaveis.

A rede dos *Leit-motivos* que segundo Lavignac são trinta e quatro, apparecem aos nossos ouvidos, em uma renda de melodias, em uma combinação de instrumentos de tal fórma conjugados, que nos transportam ás regiões do sonho e da phantasia.

A orchestra, embora com poucos ensaios, comportou-se muito bem, sob a optima direcção do maestro Beidler, genro de Wagner, que se revelou um director d'orchestra de primeira ordem, conhecendo o menor detalhe.

Os cantores, alguns ha de boas vozes e bons artistas como são: Zawilowski, Fellowoch, Gau, Kromer, Franz Costa, Tanber e sobre tudo a sr.ª Zimmermann.

O scenario regular.

b) Walkiria

E' esta opera a primeira jornada como lhe chamou Wagner.

Aqui a musica é mais comprehensivel, principalmente a do 1.º acto e 3.º.

O entrecho é mais humano, predomina já o amor terrestre entre os filhos do deus *Wottan*, *Siegmund* e *Sieglind*. E' n'esta peça que nós tomamos conhecimento com a espada *Nothung* e que prevemos o nascimento de um heroe filho dos ardentes amores dos filhos de *Wottan*.

N'esta partitura apparecem novos *Leit-motivos*, assim a musica pinta-nos de um modo sublime a tempestade, o amor, a ferocida le de *Hunding*, a cavalgada das *Walkyria*, a tristeza de *Wottan*, o somno de *Brunhilde* e o *encantamento do fogo* cujas paginas empolgam todo o publico; esse mar de chammas que envolve a *Brunhilde* é d'um effeito maravilhoso deveras sublime!

A orchestra mais segura que no *Ouro do Rheno*, sob a habil batuta de Beidler.

A sr.ª Zimmermann, foi uma *Sieglind* notavel.

Os restantes artistas Fellowock, Stevens, Costa, Zawilowoski, Tanber, etc., bastante correctos. Sómente as *Walkyrias* é que desafinaram bastante.

O scenario regular, e a scena do fogo de bastante effeito.

No proximo artigo fallaremos da outra metade da *Tetralogia*, *Siegfried* e *Crepusculo dos Deuses*.

ALFREDO PINTO (SACAVEM).

Madame Juliette Adam

Encontra-se em Lisboa a illustre publicista franceza Madame Juliette Adam, que por mais vezes tem visitado esta capital, onde já é muito conhecida e apreciada no nosso meio intellectual que presta justa homenagem a seus talentos.

Madame Adam é das escriptoras francêsas de maior nomeada, tendo publicado o melhor de suas obras sob o nome de solteira Juliette Lamber, como se lê das breves notas que a seu respeito encontramos no *Larousse*:

Nasceu em Verberie (Oise) em 1836. Casada em primeiras nupcias com o advogado La Messine, estreou se nas lettras em 1858 com umas novelas: *Blanche de Coucy*, *l'Enfance*, e com um volume mais importante intitulado: *Idées antiproudhoniennes sur l'amour, la femme et le mariage*, em que se notava grande vivacidade de argumentação.

Enviuvando, casou em segundas nupcias com Edmond Adam, mas assignou com o seu nome de solteira, «Juliette Lamber», todas as obras que successivamente publicou: *Mon village* (1860), descripções cheias de côr local e de ideias philantropicas; *Récits d'une paysanne* (1862), serie de historias ingenuas e comoventes, escritas com encanto; *Voyage autour du Grand Pin* (1863), narração pitoresca da paisagem de Cannes; *Dans les Alpes* (1867), outras impressões de viagem; *L'Education de Laure* (1868) e *Saine et sauve* (1870), dois romances; *Le Siége de Paris, journal d'une parisiene* (1873); *les Récits du golfe Juan* (1873), coleção de cinco novelas; *Jean et Pascal*; *Laide* (1876); *Grecque* (1877), que acabaram de firmar a sua reputação de escritora.

Por esta epoca, o seu salão era frequentado pelos personagens mais notaveis do partido republicano.

Em 1877, enviuvou pela segunda vez.

Fundou em 1879 a *Nouvelle Revue*, de que escreveu o prefacio, em que expunha as ideias politicas, philosophicas e sociaes, que entendia que deviam predominar nesta publicação, de que redige o boletim da politica estrangeira. Preconisou muito ardentemente a alliança franco russa.

As suas ultimas obras são: *La chanson des nouveaux époux* (1883); *Païenne* (1883), a sua obra mais importante; *la Patrie hongroise* (1884); *le général Skobelef* (1886); *le Rève sur le divin* (1888); *la Sainte Russie* (1889); *la Patrie portugaise* (1896), etc.

Madame Adam foi recebida por sua Magestade a Rainha D. Amelia, pela sr.ª Duqueza de Palmella, etc., e em casa do sr. conselheiro D. Luiz de Castro foi-lhe offerecido um banquete seguido de um animado *raout* a que assistiram as sr.as D. Conceição de Alarcão, marquêsa de Gouveia, condessas de Valenças, Nova Gôa, Penalva d'Alva, de Mesquita, de Taboeira, de Vinhás e Almedina, D. Conceição Ulrich, D. Celeste Anjos, Malheiro Dias, D. Palmyra Feijão, D. Estella Hintze Ribeiro, D. Judith Alves de Sousa Jardim (Valenças), D. Maria José de Gusmão, D. Laura Peters e filha, D. Nathalia de Muñoz y Pinque, D. Maria e D. Luiza da Silveira e Lorena, D. Maria Amelia Arriaga da Costa e os srs. conselheiros Campos Henriques, D. João de Alarcão, Manuel Espregueira, Page Bryan, ministro da America, condes de Valenças, de Vinhás e Almedina, de Nova Gôa, de Mesquita, de Penalva d'Alva, Carlos Roma du Bocage, dr. Oliveira Feijão, Fernando Anjos, Antonio Hintze Ribeiro, conselheiro Motta Prego. Ramalho Ortigão, dr. Xavier da Cunha, Carlos Malheiro Dias, João Costa, Hogan Teves, dr. João Ulrich, Vasco Jardim (Valenças), Alvaro Penalva, Pedro Gusmão, Manuel d'Arriaga, Ruy Ferreira de Mesquita, etc.

No dia seguinte ao deste banquete (3 do corrente) realisou-se outro no Avenida Palace, onde Madame Adam está hospedada, que foi tambem uma linda festa, em que se reunio a escol da nossa sociedade, predominando as senhoras que mais se distingem nas letras e nas artes assim como literatos e artistas, que todos foram apresentar seus respeitos e admiração pela ilustre escriptora, como se vê da seguinte assistencia:

JULIETTE ADAM

As sr.as D. Sarah Motta Vieira Marques, D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso (Carnaxide), D. Olga Moraes Sarmento da Silveira, D. Branca de Gonta Colaço, D. Candida da Nova Monteiro Kendall, D. Emilia Santos Braga, D. Domitillia de Carvalho e Mademoiselles Houchart e Kendall, etc.

E os srs. conde de Valenças, conselheiro Ferreira do Amaral, Hipacio de Brion, Alfredo de Albuquerque, José Malhôa, Velloso Salgado, dr. Lambertini Pinto, dr. Alfredo da Cunha, padre Lourenço Mattos, Moreira d'Almeida, Mello Barreto, dr. Eurico de Seabra, Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro, Carlos Malheiro Dias, dr. Arthur Moraes de Carvalho, dr. Henrique de Vasconcellos, dr. Xavier da Cunha, Mello e Simas, dr. Alberto Pedroso, dr. Amadeu Ferreira de Almeida, Antonio Bandeira, Jorge Colaço, Ferreira Mendes, Jayme de Sousa, João Augusto Melicio, Oliveira Simões, José Ribeiro Junior, Antonio Ferreira Marques, Mattoso da Fonseca, Moreira Rato, Alfredo Kendall, etc.

Ao *toaste* houve varios brindes em francês de que podemos obter o feito pelo antigo collaborador desta revista e nosso presado amigo sr. conde de Valenças, que na prestigiosa lingua de Voltaire se expressou nestes termos:

«Madame, je vous salue.

Il y a, Madame, dans ce bas monde, où nous vivons quelque chose, qui est la pensée des choses, leur enchantement.

Souvent cette pensée, que est aussi une poésie, se cache. Il faut la deviner, mais dans tous les faits, dans tous les évènements, même les plus dramatiques, même les p'us souriants, même dans une oeuvre merveilleuse de l'art, ou de la nature, il existe un Dieu, qui y rêve et soupire, et qui donne aux évènements une harmonie, une poesie, un sujet d'emotion.

Dans cette fête, Madame, vous êtes le sujet de notre emotion, de notre admiration enthusiaste — la beauté de cette reunion, de ce dîner, ou l'on voit des dames, des hommes, des jeunes gens, qui constituent l'élite intellectuelle de la nation portugaise.

Tout le monde ici, Madame, et tout le Portugal vous connaît; on connaît votre vie admirable, depuis le berceau de votre charmante fille jusqu'au berceau des idées modernes, que vous avez accompagné, preché, deffendu dans vos livres, dans vos memoires, dans votre salon, où votre parole scintilante a été toujours illuminé par les sentiments genéreux de votre noble cœur.

Agreez, Madame, ces quelques mots. Ils viennent d'un cœur rempli du plus affectueux respect, qui, du reste, vous savez conquérir partout; ils sont aussi l'hommage sincere et impulsif de cette assemblée, qui vous offre sa lyre, son chant, sa paillete, sa plume, pour vous assurer que vous êtes, Madame, chérie au Portugal.»

Exposição da Sociedade «Silva Porto»

Tão rapido como um lindo dia de primavera, que deixa saudades, passou a Exposição *Silva Porto*, que ha pouco se abrira, e já se encerrou, nas salas da Academia de Belas Artes, crêmos que para dar logar á Exposição da Sociedade Nacional de Bellas Artes, cuja inauguração se annuncia para o dia 15 do corrente. Outras exposições de pintura se abrem e preparam como a do professor Teixeira Bastos, e Julio Pina, um novo que chega de concluir seus estudos em Paris.

Ainda bem que as artes floresçem, que não estará tudo perdido. E' este um sintoma de vida, que se vê com prazer e eleva o nivel intelectual de um povo.

E' vêr como o publico se vae interessando, como enchia as salas da Academia, por onde mal se andava quando lá estivemos tambem a vêr a bella coleção de quadros de paisagens e alguns de genero, com que os discipulos de Carlos Reis, alguns já com fóros de artistas, povoaram aquellas paredes numa grande profusão de côres e de motivos, artisticamente escolhidos por esses campos e aldeias do nosso lindo Portugal.

Sete são os expositores, com noventa e oito quadros, na sua maioria de merecimento relativo. Sim, não vamos ás do cabo, que ainda é cêdo, e a vaidade acaba por estragar tudo.

Se na exposição se encontravam quadros que já merecem esse nome, outros havia que seria melhor não terem vindo a publico.

Principiando por Antonio Saude, já nosso conhecido de outras exposições, os seus quadros tem uma fatura especial de um grande relevo de tinta que empasta com extraordinaria prodigalidade, o que nem sempre favorece o efeito da pintura, como só se poderá observar de uma distancia que a sala não tem, perdendo assim boa parte da magia que o pintor quer alcançar. O seu quadro *Condução de eguas*, de grandes dimensões, póde com as pastas de tinta alcançaro e feito, desde que o quadro se coloque numa vasta galeria e a grande altura. Nos quadros pequenos não sucede o mesmo, e o empaste salta á vista desde que tenha de ser visto mais de perto ao alcance dos olhos os poderem observar. Um dos quadros

Exposição da Sociedade "Silva Porto"

Antonio Saude

Condução de Eguas — *Quadro de Antonio Saude*

O Caldo Verde — *Quadro de J. Campas*

Alves Cardoso

Costa de Lagos — *Quadro de J. Frigoso*

Egreja Matriz (Pedrogam-Grande) *Quadro de F. Ayres*

Claustro do Mosteiro dos Jeronimos, arquitetura de João de Castilho Seculo XVI

deste artista, sobretudo, agradou-nos bastante, é o *Pêgo escuro, margem do Ceira*, de uma tonalidade verdadeira e harmoniosa que encanta.

João Trigoso, dos sete quadros que expoz destacamos dois que mais nos impressionaram, *Senhora da Graça* e *Costa de Lagos*, este ultimo, principalmente, de uma grande verdade, dando toda a ilusão dos rochedos que se refletem nas aguas de uma transparencia perfeita. Muito boa a prespetiva.

José Campas foi quem fez maior exposição, com vinte e cinco quadros, incluindo o do concurso para ir estudar em Paris. Um pastor conduzindo seu rebanho de carneiros e cabras, a que faz fundo terras verdejantes que vem dar ao valle por onde o rebanho caminha, vendo-se na distancia um muro de quinta com portão. A prespetiva não foi respeitada, assim como a duresa dos contornos nos desagradou bastante. *O caldo verde*, é um interior de casa rustica com sua lareira ao fundo, onde o fogo crepita sob a panela em que ferve a agua. O efeito do lume sempre seguro, é neste caso um tanto exagerado se atendermos á luz do dia que entra por uma janela, quasi em frente, o que sem duvida lhe devia amortecer a intensidade do efeito. De resto, o quadro é agradavel de vêr e um bello motivo de pintura.

Fragmento do portico lateral do Mosteiro dos Jeronimos contendo columnelos, misula, estatua e baldaquino

Frederico Ayres nos desasete quadros que expoz, é bastante desegual, pois ao passo que apresenta *Estrada do Padrão*, a paisagem que mais nos agradou pela muita luz e ar que se lhe observa, dentro dos limites do justo, realisando bem a prespetiva e a côr, outros quadros seus, são muito menos acabados e pouco felizes na escolha dos motivos, que não compõem bem. Este artista tambem abusa um tanto do empaste de tintas, que em quadros pequenos é de mau efeito, como acontece no da *Egreja Matriz* que afronta a pobrezinha e mal consente o aprumo das suas paredes.

Abel Santos e Leandro Caldeiron expuseram varios quadros, todos pequenos, o que não é razão para menos se apreciarem, se algum alcançasse maior destaque, mas estes quadrinhos podem considerar-se estudos, revelando uma ou outra qualidade, por emquanto muito hesitantes.

Alves Cardoso, que fez sua exposição no *atelier* Bobone, de que nos ocupámos em o n.º 1:086 do Occidente, apenas tem n'esta exposição *Pásseio forçado*, feito em Paris, sob uma tonalidade fria de ceu parisiense, que não nos seduz.

Este quadro é destinado a premio dos socios.

C. A.

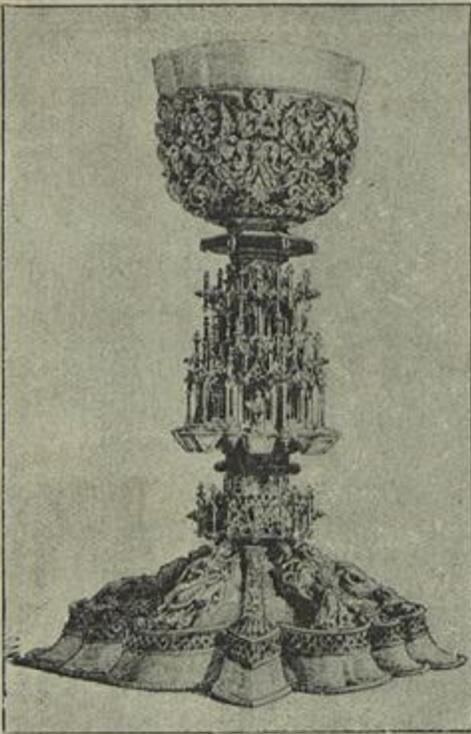
Portico das Capelas Imperfeitas do mosteiro da Batalha arquitetura de Matheus Fernandes, Seculo XVI

Grupo esculptural no portico do mosteiro dos Jeronimos, representando D. Manuel I protegido por S. Jeronimo

Pulpito de Santa Cruz de Coimbra arquitetura de João de Ruão, Seculo XVI

Gravuras specimen da obra Arte na Renascença *publicada pela* Bibliotheca de Instrucção Profissional.

ARTE NA RENASCENÇA

Assim se intitula o terceiro volume da obra *Elementos de Historia da Arte* com que o seu auctor, o já distincto professor João Ribeiro Christino da Silva enriqueceu a Bibliotheca de Instrucção Profissional, honrando ao mesmo tempo a terra que o viu nascer.

Calice de prata dourada. Estilo mixto, gótico e renascença, do Tesouro da Sé de Coimbra Seculo XVI

Ao referir-me, nas columnas d'esta revista, ao apparecimento do primeiro volume da obra alludida, affirmára eu seria prehenchida com semelhante publicação a lacuna existente entre nós, no bello e deleitoso campo de especialidade typica em que estão merecendo plenissimo applauso as faculdades litterarias do artista que se chama Christino da Silva; e, com effeito, mostrou me o tempo que não me havia enganado no vaticinio.

Imagem de S. Bruno
Esculptura de Manuel Pereira. Seculo XVII
Cartuxa de Pemlar (Espanha)

O texto dos volumes *Arte Antiga* e *Arte Medieval* corresponde brilhantemente aos respectivos titulos e prepara muito bem o leitor para o do rceiro volume — *Arte na Renascença*, a que tee reporto agora.

mAbrange seis capitulos o seu texto, a que o auctor, modestamente, denomina simples viagem. Nos tres primeiros, com estylo claro e empolgante, revela-nos os primores da arte italiana e consegue uma elucidação perfeita d'aquelle periodo extraordinario em quadros de dimensões bastante restrictas.

Em seguida, nos tres restantes capitulos, prosegue no mesmo tom relativamente á Allemanha, Paizes Baixos, Flandres, França, Inglaterra, Hespanha e Portugal, que comprehende todo o sexto capitulo.

Intercala o auctor n'este volume conforme fizera nos que o precederam, estampas representativas das obras primas dos grandes mestres de todas as escolas, em todos os generos.

Enormes difficuldades venceu com certeza, o illustre professor de desenho da Escola Industrial Marquez de Pombal, para conter o vôo ao seu proprio enthusiasmo artistico impellindo o, sem duvida, á maxima individualisação e desenvolvimento.

Para isso, porém, não lhe bastaria uma vida tres ou quatro vezes centenaria e uma duzia de grossos volumes em fólio; além de que, em tal caso, não se trataria de elementos de historia mas da Historia da Arte.

Annuncia Christino da Silva no fêcho d'este volume terceiro, o quarto e ultimo volume da sua obra que elle pretende consagrar aos tempos modernos, occupando-se ahi da arte nos seculos XVIII e XIX, através da Europa e da America.

Oxalá o auctor logre levar a bom termo a sua gloriosa empreza de largo estudo, ficando os quatro volumes a constituir uma leitura tanto agradavel quanto instructiva para profissionaes e não profissionaes, e uma prova eloquente da lucidez intellectual e do caracter prestimoso de João Ribeiro Christino da Silva.

D. Francisco de Noronha

A casa submarina

por

Max Pemberton

(Continuado do n.º 1088)

II

Vamos a terra

Já referi o motivo da minha viagem á ilha de Ken, e agora passo a contar o que me aconteceu quando fui a terra, á procura de Ruth Bellenden.

Logo de manhã cedo, abandonamos o navio. Dolly Venn, meu segundo tenente, ía comigo bem como Harry Doe, que timonava a lancha. A bordo ficára Mr. Jacob, a quem dei ordem de manter-se no seu posto e o mais proximo possivel da costa, afim de esperar o meu regresso ao caír da tarde.

— Aconteça o que acontecer — lhe disse — á noite me encontrará outra vez a bordo. Conto em trazer bôas noticias.

— Oxalá que sejam as de voltarmos para Inglaterra, — me respondeu esfregando as mãos.

Estavamos então a Oeste da ilha quando deixámos o vapor, e não haviam oculos nem instrumento algum, que nos revelasse por aquelle ponto, sitio capaz para desembarcarmos.

A' medida que a lancha avançava, faziamos com a mão uma especie de quebra-luz por maneira a destinguir-mos mais claramente a topographia d'quelles logares, e em especial, o ponto por nós designado por *terra firme*, que apresentava um aspecto maravilhosamente fresco e verdejante á luz pura do sol, e que parecia fazer parte da exuberancia da ilha.

Mediria umas quatro milhas de largo, segundo pude julgar, desde as elevadas penhas negras da ponta Sul, até ao recife em fórma de focinho de cão, que avançava até ao Norte.

Arvores, poucas se viam. Apenas algumas palmeiras e uma ou outra de outra classe. O mais, tudo rochedos e pedrarias, cobertas de musgo n'uma extensão enorme de terra. Mas as rochas eram abrutas e cortadas a pique sobre o mar, de maneira que, quanto mais me acercava d'ellas, mais me desgotava do seu aspecto.

— Parece-me que tens razão, Dolly, — disse eu. — Isto não são costas para homens desembarcarem, mas sim para aguias fazerem ninho! Daremos volta pelo outro lado, a vêr o que nos depára por ali a sorte.

Aproámos então ao Sul, e começamos a dar a volta ao elevado promontorio.

Os marinheiros que nos acompanhavam, pareciam muito animados, sem mesmo saberem porquê. Dolly Venn gosava como gosam todos os rapazes corajosos, quando se lhes apresentam difficuldades.

— Antes do meio dia estaremos no alto d'esses rochedos, ainda que para o conseguir tenha de me deitar a nado — disse elle. — E a proposito!... Não são homens que se vêem ali?

Dolly apontou o oculo e esteve esquadrinhando a pedreira; mas a luz era muito forte e os penhascos taparam completamente o ponto de observação, de maneira que d'ali a pedaço, estavamos sob a sombra dos immensos rochedos e com uma ressaca fortissima da corrente, que parecia querer-nos levar contra o recife, semelhante a um peixe-espada, que se via a uma milha da ilha, e contra o qual teriamos esbarrado, se uma volta de leme nos não tivesse desviado.

Não tinhamos dado bem a volta ao promontorio, quando vi uma pequena enseada e adivinhei ser aquelle o porto da ilha.

— Ali está, rapazes — exclamei, — ali está, onde brilha a areia! Vamos, que encontraremos bom local para desembarcar e caminho seguro para chegarmos ao monte.

Endireitámos o rumo para aquelle sitio onde se via a areia prateada, e ainda não tinhamos posto pé em terra, quando divisei uma mal construida escadaria de madeira, apoiada contra a rocha, e que se elevava em linha quasi perpendicular ao alto do escalão, que n'aquelle ponto não teria uma elevação inferior a dezoito ou vinte metros.

Não se via um unico ser vivente na praia, nem descobri, por aquelles arredores, habitação por simples que fosse.

Era uma enseadasita solitaria e triste. Mas a poucos passos lobriguei vestigios de pegadas humanas, que se dirigiam até proximo da escada, não me restando duvida, de que outros homens haviam súbido por ella n'aquella mesma manhã, pois a maré que baixara pouco antes, deixara a areia molhada, e as pegadas estavam bem distinctas e claras.

Em qualquer outra occasião, ter-me-hia surprehendido, não ter apparecido ninguem na ilha á vista d'um barco que se approximava da costa, n'este momento porém, estava tão preoccupado, que me passou despercebido tal acontecimento.

— Dolly, vem comigo, emquanto vocês esperam uma hora. Se eu não voltar, então tornarão para bordo, mas é preciso que a lancha esteja de volta ao anoitecer, porque não desejo ficar em terra.

Dito isto, eu e Dolly trepamos pela desconjunctada escada que nos levou até ao cimo da rocha, mas quando lá chegamos, não nos encontravamos mais adiantados do que antes.

A nossos pés lá estava a lancha, balouçando suavemente ao sabor da vaga azulada; pela frente, um bosque densissimo de teca e ebano não nos deixava vêr nada para o lado de lá, e, a não ser o ciciar do vento por entre as

folhas das arvores, mais nenhum som se ouvia na solitaria ilha.

O estreito carreirito que devia conduzir á habitação de Ruth, estava completamente tapado por altas hervas. De vez em quando, passavamos proximo de pantanos que impregnavam o ar d'um cheiro acre e pesado, cheio de miasmas.

Avançámos cautelosamente pelo carreiro, mas apressando o passo o mais possivel.

A sombra era densa e agradavel, e se me encontrasse com animo para admirar aquelle soberbo dia de calor, talvez que a paizagem me parecesse soberba.

Aqui e ali, grandes jorros de agua crystalina, precipitavam-se pela rocha, formando regatos que se iam confundir no mar, ou se sumiam pela terra dentro; charcos de agua negra, uns, e azulada outros; pedaços de rocha que pareciam cortados prepositadamente, tudo emfim encantaria qualquer outro que não fosse eu, cujo espirito vagueava por outras regiões bem differentes.

Mas da vivenda de Ruth, não se via rasto nem tampouco de seres humanos, e comecei a crêr que Dolly se enganára, quando ha pouco me dizia vêr gente occulta por entre as arvores.

— Parece-me que sonhaste, meu rapaz, pois quem diabo teria medo d'uns pobres marinheiros como nós, para desapparecerem mal nos viram? Ou seria o medo que te fez vêr phantasmas?

Depois de soltar as ultimas palavras, fiquei arrependido de as dizer, porque eram uma offensa a Dolly.

— Capitão, — voltou elle corajosamente — eu nunca tenho medo quando estou ao pé de si?

— Bem dito, rapaz, bem dito! Deixa estar que nunca me esquecerei d'essa resposta. Com que então eram homens que viste?

— Sim senhor. Um era velho e com uma barba que parecia um chibo. Levava umas calças largas e uma jaqueta de marinheiro. Vi-o perfeitamente, quando entrámos no bosque. Os outros estavam meio occultos por entre as arvores, no alto da escada e tinham espingardas.

— Espingardas, homem! N'um sitio como este e contra dois estranhos desarmados? Que motivo teriam esses valentes para assim occultarem o rosto e jogarem com a gente as escondidas? Dar-se-ha caso que sejam bandoleiros? Podes estar certo, amigo, que a senhora que vamos vêr, não consentiria semelhante coisa. Ruth Bellenden mandal-os-hia passear immeditamente, como já fez mais d'uma vez, quando eu era capitão do seu yacht. Sabes, Dolly, que o teu capitão, commandou em outro tempo o yacht mais galhardo que tem sulcado esses mares?

Dolly fez com a cabeça signal de que já o sabia.

— Dizem que a senhora, era dona do *Manhattan*, que o meu capitão commandava, e que toda a gente a bordo lhe queria muito.

(Continúa.)

RICARDO DE SOUZA.

O MEZ METEOROLOGICO

Março 1909

Barometro. — Max. altura $769^{mm},9$ em 23.
» Min. » $743^{mm},9$ em 1.

Varias depressões invadiram, durante o mez, as costas de Portugal. A 1.ª teve o seu maximo em 1, a 2.ª em 15 ($753^{mm},8$), e em 19 ($748^{mm},5$) e finalmente, a 3.ª em 28 ($752^{mm},0$).

A altura maxima $769^{mm},9$, é inferior á normal.

Thermometro. — Max. altura $18^{o},2$ em 24.
» Min. » $2^{o},7$ em 1.

A temperatura conservou-se baixa todo o mez. Só em 1901 encontramos uma maxima tão fraca. A minima de $2^{o},7$ é a mais baixa que se observa desde 1890. (Em 1 de março de 1890 $+ 1^{o},1$, em 3 $+ 1^{o},3$).

Chuva — $97^{mm},2$ em 24 dias. De ha muito se não nota um mez de março com tantos dias de chuva, embora a altura pluviometrica não seja, em relação, demasiadamente elevada.

Nebulosidade. — Céu limpo ou pouco nublado 3 dias.
» Nublado 24 dias.
» Encoberto 4 dias.

Nevoeiro — Em 21.

NECROLOGIA

Vice-almirante Teixeira de Pinha

Com o falecimento, em 5 de março, do vice-almirante Teixeira de Pinha perdeu a armada portuguêsa um dos seus mais distintos ornamentos que muito a honraram.

Homem de rara finura e esmerada educação, completava estes dotes apreciaveis com a bondade extrema de seu caracter, o que naturalmente

VICE-ALMIRANTE TEIXEIRA DE PINHA

o indicou para elevadas missões, como foi a de representar El-Rei D. Carlos nos funeraes dos presidentes da Republica de França, Sadi Carnot e Felix Faure, e tambem a de acompanhar o mesmo soberano no funeral da Rainha Victoria.

Por aquellas mesmas qualidades era muito estimado na alta sociedade, onde mais convivia.

A sua entrada para a corporação da armada data de 20 de maio de 1845, sentando praça de aspirante de marinha, e deste primeiro posto foi seguindo os immediatos por promoção até ao de vice-almirante, em que passou á reserva pelo limite de idade.

Foi dos oficiaes mais prestantes na marinha portuguêsa, comandando grande numero de navios da nossa armada, assim como a escola de alumnos marinheiros, estabelecida nas corvetas *Palmella* e *Sagres*, e a esquadrilha da fiscalisação aduaneira, na costa norte do reino e a do Algarve.

Muitas são as portarias de louvor que mereceu pelo desempenho de varias comissões, de que mencionaremos: a de inspéção ao corpo de marinheiros, a de instrutor de tiro ao alvo, comando da Escola Pratica de Artilharia Naval, comandante da Escola de Alumnos Marinheiros e a de membro do Conselho Superior de Marinha.

Em 1862 foi estudar a Inglaterra e França as inovações e melhoramentos introduzidos na artilharia naval, armamento e equipamento dos navios de guerra, sendo-lhe concedido o praticar durante algum tempo em Tolon na esquadra francêsa.

Formulou um exercicio para as bocas de fogo de alma lisa que foi adotado.

El Rei D. Luis conferiu-lhe as honras de seu ajudante de campo em 1882, honras que El Rei D. Carlos tambem lhe concedeu em 1901, e que foram renovadas pelo atual monarca.

Em 1885 acompanhou o então principe D. Carlos na viagem de estudo ao centro da Europa.

Numerosas condecorações distinguiam o ilustre vice almirante, tanto nacionaes como estrangeiras. Das primeiras possuia a de cavaleiro-comendador e gran-cruz de Aviz, cavaleiro e comendador de S. Thiago e da Conceição, medalha da expedição a Angola de 1860. Das segundas era agraciado com as gran cruzes de Santo Estanislau, da Noruega, da Corôa de Italia e de Hohenzollern, comendador e grande oficialato da Legião de Honra.

João de Oliveira Ramos

No dia 1 do corrente correu em Lisboa, a noticia logo confirmada, de ter falecido no Porto João de Oliveira Ramos, antigo redator do *Primeiro de Janeiro*, um dos mais distintos jornalistas do norte.

Jornalista de alma e coração, tomou o seu logra na imprensa como um verdadeiro sacerdocio, tendo só em vista exercer sua missão de apostolo da luz e do bem, desprendido de ambições e vaidades, distinguindo-se apenas por seu talento e trabalho incessante, sem uma queixa nem um esmorecimento.

Acomularam-se-lhe os annos e embranqueceram-se lhe os cabelos que lhe marcavam a velhice, mas o espirito conservou-se sempre novo, vigoroso, claro, como o denunciavam os seus artigos no *Primeiro de Janeiro* em que escreveu quasi até á ultima hora da sua vida.

João de Oliveira Ramos nasceu em Ovar a 30 de maio de 1835. Aprendeu as primeiras letras na sua terra natal e veio completar seus estudos no liceu do Porto, habilitando-se depois com o curso de farmacia, que foi exercer em Villa Real no hospital da Misericordia.

Esta circunstancia dá-lhe pontos de contacto com outro grande jornalista português, Marianno de Carvalho que nos primeiros tempos de sua vida foi farmaceutico.

Em Villa Real principiou Oliveira Ramos a escrever correspondencias para o *Jornal do Porto* que revelaram a sua vocação de jornalista, como a de escritor vernaculo em que sempre primou. Por aquelle tempo levantou-se na imprensa larga discussão sobre o casamento civil, e Oliveira Ramos entrou na contenda, mostrando grandes conhecimentos do assunto e argucia, que o afirmou jornalista de pulso, sendo então convidado para redator d'aquelle jornal que era o primeiro do Porto.

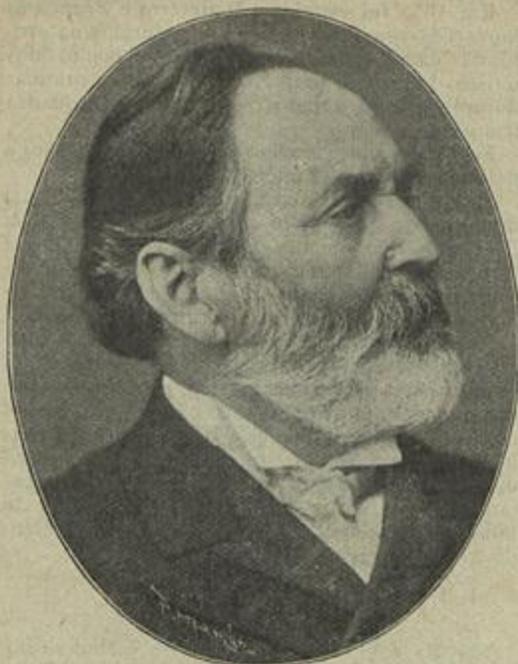
No *Jornal do Porto* encontrou o padre Francisco de Paula Mendes, outro jornalista vigoroso, o qual aceitou bem a camaradagem de Oliveira Ramos, que apesar de novo, media por egual suas forças com o antigo redator da folha portuense.

Foi tempo depois convidado para dirigir o *Progresso Comercial*, folha de combate fundada por um grupo de banqueiros, e em que brilhou a pena de Oliveira Ramos. Escreveu tambem na *Luta*, jornal de boa memoria, redigido pela flôr dos talentos, como eram Urbano Loureiro, Borges d'Avelar, José Pereira Sampaio (Bruno), etc., que marcou época no jornalismo portuense.

Por estes jornaes foi Oliveira Ramos espalhando seu talento até que em 1875, Gaspar Baltar, fundador do *Primeiro de Janeiro*, o convidou para fazer parte da redação do seu jornal.

Entrando no *Primeiro de Janeiro*, ali se conservou até á morte, e com sentida magua é sua falta lamentada pelo nosso colega portuense.

Oliveira Ramos defendeu ali sempre as liberpades publicas com a fé dum crente, escreveu criticas literarias e de arte com fundos conhecimentos e provado bom senso. Foi critico musical conhecedor e amador de musica, e em todos os seus escritos cintilava a sua pena elegante e conceituosa, que o sagrou mestre e o foi de muitos que delle se acercaram e elle encaminhou paternalmente, o que lhe valeu o amoravel cognome de *Pae Ramos*, como no Porto era conhecido.

Oliveira Ramos deixou viuva a sr.ª D. Maria do Carmo Oliveira Ramos e deixou dois filhos os

João de Oliveira Ramos

srs. Manuel de Oliveira Ramos, major do exercito e lente do Curso Superior de Letras, e João Crisostomo de Oliveira Ramos, professor do liceu do Porto.

A sua familia, enviamos a expressão de nosso pesar assim como aos nossos colegas do *Primeiro de Janeiro* acompanhamos em sua magua.

Duque de Loulé

Desapareceu da côrte portuguêsa uma das suas figuras mais fidalgas e ao mesmo tempo mais simpaticas, com a morte do Duque de Loulé, occorrida em 2 de março findo.

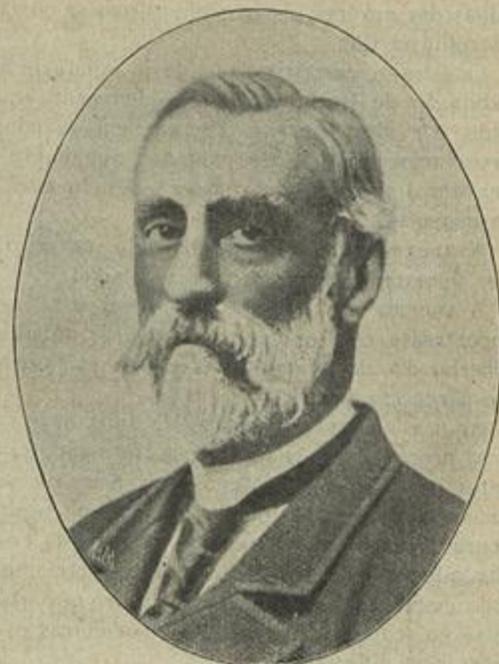
Fidalgo dos mais nobres por seu nascimento, neto de reis, não o era menos por seu caracter bom e afavel, mais democrata do que muitos que se inculcam como tal.

D. Pedro Agostinho de Medóça Rolim de Moura Barreto, 10.º conde de Vale de Reis, 3.º marquês e 2.º duque de Loulé, nasceu em Lisboa a 7 de outubro de 1830, e era filho do 1.º duque de Loulé, e da Infanta D. Anna de Jesus Maria, sendo por parte de sua mãe, neto de D. João VI, e por parte de seu pae, de Agostinho Domingos José de Mendóça, que foi conselheiro de D. João VI e 1.º marquês de Loulé, morto tragicamente em Salvaterra, em 1824.

Aos dezoito annos de edade, em 1848, assentou praça em cavalaria, e seguiu por antiguidade os postos até ao de coronel, reformando-se em general de brigada, em 1885, ficando comandando o forte da Guia.

Em 1852 casou com D. Constança Maria de Figueiredo Cabral da Camara, filha dos condes de Belmonte, da qual enviuvou em 1879, ficando-lhe duas filhas, as sr.as D. Maria Domingas José de Mendóça e D. Anna.

Viveu sempre na côrte, que preferiu ao envolver-se na politica, tendo sido nomeado em 1862, por ocasião do casamento de El-Rei D. Luiz, gentil homem da camara da Rainha a Senhora D. Maria Pia e estribeiro-mór.

Foi um grande amador de musica, dos mais distintos, sendo um dos fundadores da Real Academia de Amadores de Musica, em cujos concertos tomava parte.

Duque de Loulé

A sua morte enlutou a côrte e a familia real perdeu no duque de Loulé um dos seus mais leaes amigos e servidores dedicados, muito especialmente a Senhora D. Maria Pia, que elle sempre acompanhou desde que a gentil princesa de Saboia veio para Portugal.